

## NA PERIFERIA DE SI: IDENTIDADES JUVENIS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

*Autor: Sidney Carlos R. da Silva - Graduando Psicologia UFPE*  
*Co-Autor: Prof. Dr. Alexandre S. de Freitas- Professor PPGE/CE/UFPE*

**RESUMO:** A forma como a juventude vem sendo abordada, enquanto objeto de intervenção do Estado, tem consolidado determinados regimes de verdade e representações específicas em torno do segmento juvenil, ancoradas no binômio risco-vulnerabilidade. Com isso, os jovens têm sido apreendidos pela cifra da ameaça e da periculosidade, o que contribui para produzir, veicular e solidificar imagens estereotipadas das suas formas de vida. Defende-se a ideia de que vem ocorrendo uma espécie de naturalização em torno dos problemas que afetam a condição juvenil. Nesse contexto, o trabalho de pesquisa visou problematizar os processos de subjetivação dos jovens das periferias urbanas, investigando não as imagens que são produzidas *sobre* esses grupos, mas as imagens produzidas *por* eles próprios e *como* essas imagens repercutem na percepção que eles têm da condição juvenil. Mais especificamente, o que se buscou foi analisar narrativas produzidas pelos jovens de periferia a respeito de si mesmos, no âmbito de experiências educacionais movidas por organizações da sociedade civil, verificando como elas impactam na construção das suas identidades pessoais e sociais. A investigação fundamentou-se teórica e metodologicamente em autores como FOUCAULT (2004), DELEUZE, (1992, 2005) e ROSE (2001). A coleta dos dados foi realizada em uma organização social que atua junto a coletivos juvenis, na comunidade do Coque, e investe na produção de narrativas a respeito da condição de vida dos sujeitos periféricos, socializadas por meio de mídias livres. Durante dois meses realizamos encontros quinzenais com três jovens que participam dessa experiência. Os resultados apontaram que, para além das lentes objetivadoras das políticas em curso, os jovens afetados pelas práticas educacionais dessa experiência narram a si mesmos, mobilizando múltiplas cartografias afetivas a respeito da condição juvenil, produzindo linhas de fuga à dinâmica de heteroreconhecimento que lhes confere uma identidade totalizada pela cifra das classificações etárias. Remetendo à ideia de um *espírito jovem*, suas narrativas indicaram que *ser* da periferia incita uma reinvenção curiosa de seus percursos biográficos, num intenso processo de aprendizagem experiencial, de modo a equilibrar as imagens de fora com as imagens de dentro de seu próprio *eu*. Processo intensificado pela própria necessidade de transmitir as aprendizagens vividas em uma experiência que pretende fomentar projetos de vida resistentes às marcações identitárias estigmatizantes. É possível concluir, portanto, que as práticas formativas mobilizadas parecem desvelar mais do que uma pluralidade de processos identitários, elas contribuem para o redimensionamento das formas de viver a condição juvenil, em seus significados mais profundos, numa tensão *sui generis* entre educação, comunicação e cultura juvenil, revelando processos de subjetivação ainda pouco conhecidos e tematizados pelas ciências humanas, em geral, e pela psicologia, em particular.

**Palavras-chave:** *Identidades Juvenis – Processos de Subjetivação – Narrativas de Si.*